

# Sei lá, Ceilândia

JORNAL DE BRASÍLIA

\* 6 SET 1990

## A satélite tem raras opções de lazer. Do *Pavilhão Cultural* existem escombros e projetos

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O tempo e a incúria deixaram em ruínas um conjunto de edificações no Setor QNJ de Taguatinga, que agora deve transformar-se em Centro Cultural. Em Ceilândia ocorre caso semelhante: só que a edificação, ao contrário da de Taguatinga, construída há 25 anos, conta apenas três anos.

Trata-se do *Centro Cultural Desportivo*, projeto orçado, na época em que José Aparecido era governador do DF em Cr\$ 3.172.000,00 (a moeda na época era o Cruzado). Sua estrutura física inclui a construção de equipamentos culturais (auditórios, salas para oficinas, biblioteca pública e pavilhão de cursos) e esportivos (estes, nas amplas cercanias da edificação).

A obra, iniciada três anos atrás, foi interrompida. Hoje, no Setor QNN, o esqueleto do prédio se insurge contra a paisagem. A placa está caída ao chão. O maquinário enferruja. Dois vigias montam guarda para impedir a rapina.

O administrador regional da Ceilândia, Paulo Alceu de Almeida Pereira, 42 anos, lamenta a interrupção da obra. Afinal, argumenta, "Ceilândia, uma cidade de 600 mil habitantes, onde 60% dos moradores têm menos de 25 anos, precisa de espaços culturais e esportivos para ocupar sua juventude".

"Se isto não acontecer", avisa, "nossos jovens, sem mercado de trabalho, nem opções de lazer e recreação, acabarão optando pela droga e/ou a marginalidade".

Paulo Alceu sabe que "Ceilândia não dispõe da rede de equipamentos culturais que merece e necessita". Aqui, esclarece, "dispomos de dois clubes particulares (o *Ceilândia Esporte Clube* e o *Sol e Água*), um cinema que está fechado, os auditórios

das escolas da rede pública e nada mais".

Na área do lazer, Paulo Alceu se confessa "entusiasmado e eufórico" com a breve inauguração, pelo Sesc, do Clube do Comerciante, complexo recreativo capacitado para atender a 30 mil comerciantes (em suas piscinas, churrasqueiras, etc). A obra deverá ser entregue à cidade em dezembro.

O administrador regional lembra que "Ceilândia é uma cidade carente, cuja renda per capita é de US\$ 650/ano, pouco mais de um terço da renda per capita do DF (US\$ 1.780/ano). A população — "a maioria de origem nordestina" — enfrenta muitas dificuldades e carências.

**Forró Comunitário** — Em sua busca de lazer, a população, através da Colônia Nordestina, organiza, anualmente, o *Forró Comunitário*.

"Este ano", recorda o administrador, "200 mil pessoas passaram pelas três noites do *Forró Comunitário*. Comidas e danças típicas do Nordeste, shows e recitais de sanfoneiros encantaram a cidade".

A cara nordestina da Ceilândia pelo forró não leva o administrador a sonhar com a construção de um *Forródomo*, semelhante ao *Sambódromo* carioca.

— Não, não há necessidade de se criar um *Forródomo*. O palco do *Forró Comunitário* é a Praça dos Namorados. Uma parte dela já está urbanizada. Basta urbanizar a outra para diminuir a poeira. Afinal, a festa obedece ao modelo dos grandes festejos nordestinos, promovidos ao ar livre.

**Pavilhão da Cultura** — A conclusão das obras do Centro Cultural e Desportivo serve, hoje, de argumento para Gonçalo Bezerra defender a permanência da *Casa do Cantador*, centro cultural concebido por Nieme-



Para completar as obras do Pavilhão de Cultura e Esportes o GDF precisa de no mínimo Cr\$ 51 milhões

yer, sob controle exclusivo da Fena-crepc (Federação Nacional de Cantadores, Repentistas e Poetas Cordelistas). Ele, em dueto com o filho Eurípedes, exonerado do cargo de diretor da Casa, propõe que "o GDF conclua o *Pavilhão Cultural* e deixe a *Casa do Cantador* em paz". Eurípedes garante que "bastam Cr\$ 51.000.000,00 para a conclusão da obra".

O secretário de Cultura, Márcio Cotrim, entende que "a conclusão de um novo espaço cultural não isenta outro de funcionar de forma democrática". Cotrim garante que "não há recursos para a conclusão do Centro Cultural e Desportivo da Ceilândia" e avisa que os recursos liberados pelo GDF para atividades culturais e desportivas de sua pasta (no valor de

Cr\$ 104.000.000,00) foram alocados para atender ao Festival de Cinema, Salão Nacional de Artes Plásticas, Encontro de Escritores, Festival de Bandas, Encontro de Corais, Jogos Abertos do DF, entre outras atividades. E aí, retruca: "Como podemos gastar Cr\$ 51.000.000,00 no término de uma única obra?"

**Grupo Mandacaru** — Adão Geraldo Rocha Passos, 30 anos, e Dijaci Davi de Oliveira, 23, integrantes do Grupo Mandacaru, um dos mais ativos da Ceilândia, lamentam "a falta de espaços culturais na cidade".

"Nós", relatam, "que nos reunimos no Clube das Quartas-Feiras para debater temas ligados à cultura, já tentamos encontrar soluções para a grave falta de espaços artísticos da cidade".

— Meses atrás, nos reunimos para tentar salvar o Cine Regente (capacidade para 700 espectadores) de seu destino. Hoje, ele é apenas um depósito de bebidas. Nos aglutinamos na criação da Associação de Amigos do Cine Regente, grupo de 150 pessoas que arrendaria a sala. O proprietário voltou atrás e achou mais rentável manter o espaço como depósito de bebidas.

Djaci e Adão defendem a democratização da *Casa do Cantador*, a reativação do Cine Regente e o estabelecimento de uso dinâmico dos auditórios dos Centros de Ensino da rede pública. "Caso contrário", argumenta, "os moradores, jovens em especial, continuarão sua vida corriqueira, ou seja, irão da escola para o trabalho, do trabalho para a igreja.

Ceilândia tem uma igreja em cada quadra. Isto, quando não caem na marginalidade".

Dijaci, que integrou o segundo elenco da peça *Os Saltimbancos*, em cartaz há 12 anos, defende "a integração entre as Fundações Educacional e Cultural, de forma que os espetáculos possam ser mostrados nos auditórios das escolas".

Adão e Dijaci estão animados com o processo de democratização da *Casa do Cantador*, empreendido pela Secretaria de Cultura e Esportes. Afinal, argumentam, "uma cidade carente como Ceilândia não pode dispor de edificação, criada por Oscar Niemeyer, subutilizada e controlada por apenas um segmento da produção cultural".

Arnildo Shultz